

Geraldo de Gales e a ascendência miscigenada: o hibridismo étnico-cultural da *March* galesa nos séculos XII e XIII

Igor Matheus Donzelli¹

Graduando em Licenciatura em História (Universidade Federal da Fronteira Sul)

Bolsista de Iniciação Científica - Universidade Federal da Fronteira Sul²

igorcdonzelli@gmail.com

Resumo

A etnografia mais antiga da Europa emergiu das suas fronteiras, particularmente à medida que sofrem expansão no século XII. Textos representativos dessa “etnografia de fronteira” incluem o relato de Adam de Bremen sobre os povos bálticos e a descrição de seu continuador Helmold sobre os costumes eslavos, bem como uma proliferação de textos sobre os nativos da Grã-Bretanha, os irlandeses, galeses e escoceses, vistos pelos anglo-normandos os quais entram em contato com eles ao longo da periferia celta da Grã-Bretanha. Geraldo de Gales se destaca como o mais importante desses escritores etnográficos de fronteira da periferia celta e entre os etnógrafos mais importantes do período medieval. Geraldo escreveu suas quatro obras celtas no intervalo de menos de uma década, da *Topographia Hibernica* (A topografia da Irlanda) e da *Expugnatio Hibernica* (A conquista da Irlanda) em 1188 e a *Itinerarium Kambriae* (A jornada pelo País de Gales) em 1191, até a *Descriptio Kambriae* (A descrição do País de Gales) em 1194. Enquanto Geraldo as chamava de suas “obras menores” e sentia a necessidade de defender sua escolha de utilizar “as flores da minha retórica” naqueles “aqueles países acidentados, Irlanda, País de Gales e Grã-Bretanha”, suas obras celtas de fato atraíram mais atenção acadêmica do que qualquer um de seus outros escritos. A *Itinerarium Kambriae* e a *Topographia Hibernica*, em particular, foram o assunto de vários tratamentos acadêmicos recentes, muitos deles interessados na construção de Geraldo acerca da identidade e etnia galesa e irlandesa medieval em um momento de forte incursão colonial anglo-normanda na periferia celta. Mas é com a *Descriptio Kambriae* que Geraldo conseguiu a notável façanha de reviver o gênero clássico da etnografia, obra dedicada centralmente ao tema da descrição da vida e dos costumes de um único povo, para o período medieval. Geraldo começa sua descrição do País de Gales tal como fez com o seu tratado celta anterior, a *Topographia Hibernica*, com uma descrição física dos contornos da terra, um movimento rastreável dentro da tradição historiográfica britânica desde a *Historia Ecclesiastica Gentis Anglorum* de Beda e, claro, ainda mais cedo dentro das fontes clássicas de Geraldo, como a Guerra das Gálias de César. O que vem a seguir é muito mais inovador: no capítulo 8 do *Book One* da *Descriptio*, Geraldo volta a sua atenção para a “*natura, moribus, et cultu*” - ou natureza, costumes e cultura - do povo galês, e sustenta esse foco nos modos e costumes galeses para o restante de seu tratado. Escrita sem acesso direto às principais obras da etnografia clássica e antropologia, como as Histórias de Heródoto, a Germânia de Tácito (também conhecido como Sobre a origem, localização, costumes e povos da Alemanha) (c. 98 d.C.) ou *De Rerum Natura* de Lucrécio, Geraldo consegue reproduzir na *Descriptio Kambriae* uma forma de escrita não vista no Ocidente há mais de mil anos, a monografia etnográfica.

Palavras-chave: Britânia; País de Gales; Geraldo; *Descriptio Kambriae*; Etnografia.

Abstract

¹ Graduando em História pela Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) - Campus Chapecó/SC. Membro do Laboratório de Estudos Medievais (LEME-UFFS). Membro do Fronteiras: Laboratório de História Ambiental da UFFS. ² Bolsa de iniciação científica via Edital nº 153/GR/UFFS/2024. Suinocultura, poluição e transformação da paisagem no oeste de Santa Catarina (décadas de 1980 a 1990), código PES-2024-0193.

The earliest ethnography of Europe emerged from its borders, particularly as they underwent expansion in the twelfth century. Representative texts of such “border ethnography” include Adam of Bremen’s account of Baltic peoples, and his continuator Helmold’s description of Slavic customs, as well as a proliferation of texts about Britain’s natives, the Irish, Welsh, and Scots, viewed by Anglo-Normans coming into contact with them along Britain’s Celtic periphery. Gerald of Wales stands as the most important of these ethnographic border writers of the Celtic periphery, and among the most important ethnographers of the medieval period. Gerald wrote his four Celtic works in the span of less than a decade, from the *Topographia Hibernica* (The topography of Ireland) and the *Expugnatio Hibernica* (The conquest of Ireland) in 1188 to the *Itinerarium Cambriae* (The journey through Wales) in 1191, to the *Descriptio Cambriae* (The description of Wales) in 1194. While Gerald called these his “minor works,” and felt the need to defend his choice to expend “the flowers of my rhetoric” on “those rugged countries, Ireland, Wales and Britain,” his Celtic works have in fact attracted more scholarly attention than any of his other writings. The Journey through Wales and the Topography of Ireland, in particular, have been the subject of numerous recent scholarly treatments, many of them interested in Gerald’s construction of medieval Welsh and Irish identity and ethnicity at a time of pressing Anglo-Norman colonial incursion into the Celtic periphery. But it is with the *Descriptio Cambriae* that Gerald managed the striking feat of reviving the classical genre of ethnography, a work devoted centrally in theme to the description of the life and customs of a single people, for the medieval period. Gerald begins his Description of Wales much as he did his earlier Celtic treatise, the *Topographia Hibernica*, with a physical description of the contours of the land, a move traceable within British historiographical tradition as far back as Bede’s *Historia Ecclesiastica Gentis Anglorum* and, of course, earlier still within Gerald’s classical sources like Caesar’s Gallic War. What comes next is far more innovative: in chapter 8 of book 1 of the *Descriptio*, Gerald turns his attention to the “*natura, moribus, et cultu*” - or nature, manners, and customs - of the Welsh people, and sustains that focus on Welsh manners and customs for the remainder of his treatise. Writing without direct access to the major works of classical ethnography and anthropology such as Herodotus’s Histories, Tacitus’s Germania (also known as On the Origin, Location, Customs and Peoples of the Germans) (c. 98 A.D.) or Lucretius’s *De Rerum Natura*, Gerald nevertheless manages to reproduce in the *Descriptio* a form of writing not seen in the West for over a thousand years, the ethnographic monograph.

Keywords: Britain; Wales; Gerald; *Descriptio Cambriae*; Ethnography.

1. Geraldo de Gales e a ascendência miscigenada: o hibridismo étnico-cultural da *March* galesa nos séculos XII e XIII

1.2 Introdução

Geraldo de Gales (1145/6-1223) foi um homem multifacetado, culto e opinativo com muitos interesses, como linguística, pessoas, animais, etnografia, ciência, história e religião. Por meio de sua mãe Angharad e de sua avó Nest, ele possuía vínculos familiares com muitas dinastias galesas e normandas poderosas e, por meio de seu pai, era parente dos *marcher* lordes normandos, tornando-o um híbrido de ambas as heranças as quais estavam em desacordo no século XII. (Gerald, 1982, p. 11) Geraldo era um homem de ascendência mista, uma questão sobre a qual parece ter possuído sentimentos confusos em diferentes momentos de sua vida, e a qual acabou por impedi-lo de obter o cargo o qual mais cobiçou: a posição de bispo de São Davi, conquanto fosse qualificado e nomeado para exercer a função. Não se sabe muito sobre sua infância, mas, segundo ele mesmo, se interessou pela igreja e religião desde cedo, construindo igrejas de areia ao invés de castelos de areia enquanto

brincava com seus irmãos na praia de Pembrokeshire, próxima ao castelo de Manorbier. (Kightly, 1988, p. 8) Graças às produções literárias de Geraldo, possuímos referências e documentação sobre o País de Gales e a Irlanda na Britânia do século XII, e de onde é possível extrair seu senso de identidade. Mais tarde em sua vida, o escritor parece aceitar o fato de ser considerado um híbrido por ambas as partes de sua herança e, portanto, indigno de confiança para os normandos e os galeses. Ele retirou-se dos territórios os quais pertenciam à monarquia francesa após ser rejeitado para ocupar o bispado de São Davi uma última vez e, posteriormente, aposentou-se na obscuridade, falecendo em Lincoln sem grande comoção. Este projeto visa explorar os sentimentos possuídos por Geraldo em relação a sua herança galesa e como o País de Gales estava sendo tratado, à época, pelos anglo-normandos em um nível social, ademais, objetiva-se rastrear suas origens e identificar os grupos os quais ele sentia pertencimento.

1.3 Hibridismo étnico-cultural

A Europa estava se expandindo no século XII e essa expansão foi, como muitos outros aspectos da Europa Medieval, bastante influenciada por autores clássicos e seu modelo linear para o progresso das sociedades de selvagens para civilizadas. (Khanmohamadi, 2013, p. 11) No entanto, na época da expansão europeia, aqueles os quais estavam sendo conquistados não eram muito diferentes fisicamente dos conquistadores. Eles eram, frequentemente, muito diferentes em termos de seus costumes e sociedades, pois “laboriosamente alcançaram o estado de civilização [...] pelo exercício da inteligência humana ao longo de um longo período”. (Khanmohamadi, 2013, p. 14) Como tanto a antropologia quanto as visões etnográficas no século XII derivam do pensamento e da tradição clássica, os assuntos eram tingidos com elementos de preconceito e uma tentativa de mudar aqueles os quais eram classificados como “bárbaros” ou menos civilizados, frequentemente em nome de seu próprio progresso. Em termos de Gales em particular, isto, considerado juntamente com a “obsessão em localizar a raça somática nos galeses - e várias estratégias contra coloniais [...] nos diz menos sobre os próprios galeses e mais sobre a longa história” dos desejos dos colonizadores de determinar a diferença física entre eles e aqueles os quais são “socioculturalmente diferentes deles”. (Lumbley, 2019, pp. 1-2)

É este o mundo, onde os eslavos, os galeses, os irlandeses e qualquer outra cultura ou lugar nos arredores do que era “civilizado”, geralmente nos arredores de um império religioso ou físico, no qual Geraldo viveu quando necessitou desenvolver sua identidade e identificar os indivíduos ao seu redor. Em relação ao País de Gales em particular, a classificação de seus habitantes como

bárbaros era mais complexa, especialmente para Geraldo. Isso porque, no final do século XII, a miscigenação e o casamento entre as dinastias galesas, *marcher* e anglo-normandas estavam se tornando mais comuns, resultando em um lugar mais diverso para se estar, (Pryce, 2007, p. 40) um mundo no qual Geraldo e outros híbridos como ele precisaram navegar. É essa parte da identidade de Geraldo a qual fascinou os estudiosos, pois ele concedeu voz às suas preocupações em seus escritos, e como ele escreveu por muito tempo, suas opiniões mudaram e seu relacionamento com sua herança também mudou, desenvolvendo-se assim com ele. Sua ascendência era uma parte de sua identidade da qual, às vezes, ele sentia-se orgulhoso e outras vezes não. No entanto, quando ele próprio estava escrevendo como um etnógrafo, como era o caso de muitos estudos etnográficos iniciais, ele nem sempre escrevia acerca de seus assuntos da melhor maneira possível, e frequentemente generalizava sobre eles. As visões de Geraldo sobre os galeses muitas vezes pareciam conflitantes, pois ele os retratava, esporadicamente, de forma bárbara, descrevendo as características frequentemente vistas como desagradáveis na Idade Média, como incesto, violência, carência de manufaturas, lutas internas, hospitalidade, simplicidade (em relação à comida, roupas e moradia em particular), falta de cosmopolitismo e outros traços semelhantes. (Jones, 1971, pp. 376-377) Entretanto, é preciso lembrar o clima político da época, bem como suas próprias circunstâncias pessoais e familiares.

1.4 Etnografia Medieval

Em sua *Expugnatio Hibernica*, ele demonstra uma afinidade mais profunda com os FitzGeralds, seus ancestrais normandos, os quais ele descreve como uma “raça nobre” possuidora de “coragem extraordinária”. (Gerald, 2002, p. 157) Ele também afirma que “em tempos de guerra eles eram sempre valorizados e recebiam o primeiro lugar [...] sua nobre coragem sempre lhes rendeu renome da mais alta ordem. Mas quando a crise acabou, imediatamente eles se tornaram objeto de ódio.” (Gerald, 2002, p. 169) Aparentemente, isso pode ter ocorrido devido ao seu próprio conflito com sua herança mista, como quando Robert Fitz Stephen foi oferecido para lutar na guerra de Lord Rhys contra Henrique II, ele desejava lutar na Irlanda para arriscar sua vida ao invés de “ser acusado de deslealdade”, já que ele era “naturalmente ligado em fidelidade ao rei” por meio de seu pai, embora também relacionado a Rhys, o qual era seu primo por meio da senhora Nest. (Gerald, 2001, p. 14) Ele não desejava trair nenhuma parte de suas raízes. Geraldo também foi acometido por esse mesmo dilema, de escolher qual parte de sua herança melhor lhe convinha na época, enquanto tentava não trair nenhuma delas. Não foi notado por muitos o fato dos parentes de

Geraldo possuírem problemas similares ao seu, lealdades fragmentadas e uma sensação de serem rejeitados dos círculos anglo-normandos em particular, tornando-se objetos de ódio quando suas utilidades acabavam. O País de Gales e a Inglaterra estavam, de forma recorrente, em lados opostos, porquanto a aristocracia anglo-normanda empenhava-se para expandir sua influência sobre o território galês, isso colocava Geraldo e seus ancestrais em uma posição difícil. Assim, algumas de suas obras parecem difamar os galeses e os irlandeses com frequência, mas “Geraldo conseguiu ir além da calúnia” ao avaliar as sociedades daqueles considerados bárbaros, “ao tentar explicar as circunstâncias históricas e culturais”, algo o qual nenhum outro escritor (o qual conhecemos) da época objetivou realizar em relação aos galeses e irlandeses. (Jones, 1971, p. 396) Se ele realmente não possuísse interesse em sua origem como galês, por qual motivo ele se esforçou sobremaneira para registrar suas paisagens e histórias? Embora seja verdade que ele também fez isso com os irlandeses em sua *Topographia* e *Historia Bernicia*, ele não se aprofundou em demasia, não conhecia as histórias minuciosamente, não viajou ou conheceu as áreas tanto quanto conheceu Gales, e também foi muito mais severo com o povo da Irlanda ao registrá-los. A *Descriptio Kambriae* é muito mais cínica em relação aos galeses em comparação às outras produções sobre o assunto. Contudo, ao analisá-la em suas duas partes, o *Book One* “trata do comprimento e da largura do País de Gales, suas características naturais e sua superfície acidentada”, enquanto o *Book Two* trata da “inconsistência e instabilidade dos galeses”. (Gerald, 1987, pp. 218-219) Mesmo em tamanho, há uma grande diferença, com o *Book One* consistindo em dezoito capítulos e o *Book Two* em apenas dez. O *Book One* também considera o povo galês, embora sob uma luz mais favorável. Ele também comenta sobre a hospitalidade dos galeses, bem como sua piedade e habilidades, com casas abertas aos viajantes e nenhum mendigo à vista. (Smith, 2007, p. 182)

1.5 Ascendência miscigenada

Os diversos laços familiares de Geraldo o ajudaram muitas vezes, com o lado galês buscando defendê-lo para a aquisição do cargo no bispado de São Davi, bem como auxiliá-lo em sua jornada relacionada à Cruzada de 1188. Seus laços anglo-normandos também lhe foram benéficos, pois foi em parte por causa deles que Geraldo teria sido autorizado a acompanhar o Príncipe João na Irlanda em primeiro lugar, e assim lançou suas duas principais obras no país. No entanto, sua herança mista também afetou sua vida negativamente, com ele sendo rejeitado para ocupar o bispado, porquanto possuía ascendência galesa. (Johns, 2013, p. 56) A igreja em Canterbury estava, na época, tentando garantir que o bispado de São Davi não caísse nas mãos dos

galeses, pois havia rumores de que se alguém o adquirisse, eles tentariam restabelecer a independência da igreja galesa. (Kightly, 1988, p. 22) Isso poderia ter sido um desastre para os anglo-normandos, os quais estavam esforçando-se para obter o máximo de controle possível sobre os galeses, portanto, quando Henrique II foi informado da nomeação de Geraldo para suceder seu tio Davi II no posto de bispado, ele se recusou a aceitá-lo para o cargo, assim como o rei João o fez, embora ele possuísse, naquela época, o apoio do papa Inocêncio III. (Kightly, 1988, pp. 22-24)

A rejeição de Geraldo não foi surpreendente, porquanto ele próprio havia defendido a perda do pálio de São Davi, alegando que “o pálio foi levado embora na época de Sansão” durante uma explosão da peste amarela. (Gerald, 1987, p. 162) Ele “não tinha medo da morte, mas foi persuadido a embarcar em um barco” e acabou em Dol, onde a sé tinha acabado de ficar vaga, e que ele decidiu ocupar, no entanto, ele “levou o pálio com ele e, como resultado, os bispos sucessores de Dol continuaram a usá-lo quase até os nossos tempos”. (Gerald, 1987, p. 162) Ele então concede a cronologia dos dezenove bispos os quais ocuparam a sé depois de Sansão até o reinado de Henrique I, continuando “Da subjugação de Gales até os dias atuais, apenas três homens ocuparam o bispado: Bernardo na época de Henrique I” (consagrado em 1115 e falecido em 1147), “Davi II na época do rei Estevão” (tio de Geraldo - consagrado em 1148 e falecido em 1176),” “e Pedro, o monge cluniacense, na época de Henrique II” (consagrado em 1176 e falecido em 1198, após a primeira escrita da *Itinerarium Kambriae* por Geraldo). (Gerald, 1987, p. 163) Ele então continua dizendo que dois desses três, assim como bispos subsequentes, foram consagrados em Canterbury e que “nenhum arcebispo de Canterbury, exceto Balduíno, o atual, jamais entrou em Gales, seja antes da subjugação ou depois dela”. (Gerald, 1987, p. 164) As linhas seguintes continuam explicando por que a sé galesa de São Davi deve ser vista como independente, remontando a Agostinho, o qual já foi o arcebispo inglês, bem como o fato de que já houve sete bispados de Gales, e agora há apenas quatro. Geraldo também descreve a luta e o fracasso de Bernardo em fazer com que a igreja galesa não se curvasse a Canterbury. Há muitos pontos interessantes a serem observados neste capítulo, um deles é o fato de Balduíno ser o primeiro e único arcebispo da Inglaterra a entrar em Gales desde Sansão. Balduíno estava lá apenas para fazer com que os indivíduos tomassem a cruz para dirigirem-se, em uma expedição militar, à terra santa. O fato de ele celebrar missa em todas as catedrais galesas era um símbolo, talvez apenas de piedade e serviço a Deus, mas também como um lembrete de seu lugar como chefe da igreja, já que isso havia sido questionado por Bernardo apenas quarenta e poucos anos antes e Geraldo havia trazido a questão de volta à vanguarda da visão periférica galesa e anglo-normanda. (Gerald, 1987, p. 165)

Se olharmos para a questão sob essa ótica, Geraldo possivelmente estava almejando recuperar a igreja de Gales e reformá-la sob sua tutela e orientação, para tornar Gales mais forte em termos de religião e unidade, ao mesmo tempo em que realizava o trabalho de Deus. (Kightly, 1988, p. 23) Ele também menciona nesta passagem acerca dos muitos ingleses os quais são designados para cargos em Gales, “o único desejo era retornar às circunstâncias mais fáceis de um bispado inglês”, (Gerald, 1987, p. 165) indicando assim que eles não eram realmente talhados para o trabalho de qualquer maneira, pois seus focos não estavam em suas localidades e nem seus corações eram puros e prontos para uma vida simples como convém ao clero e Geraldo, provavelmente, era o melhor homem para o trabalho. Como um membro do clero o qual abertamente clamava por reformas e até mesmo escrevia livros sobre os santos e outros assuntos relacionados à religião, Geraldo enfatizou o fato de que se deve cuidar de seu rebanho de todo o coração e evitar que se tornem ignorantes. Mesmo ao comentar sobre a falta de conhecimento religioso dos irlandeses, ele comenta que “os prelados deveriam ser reprovados por sua negligência com seu ofício pastoral”, (Gerald, 1982, p. 112) e que “embora desde o tempo de Patrício [...] a fé [...] tenha prosperado quase continuamente”. (Gerald, 1982, p. 106) No entanto, não está à altura de seu padrão, pois os irlandeses ainda praticavam o vício, embora ele culpe aqueles os quais estavam ensinando errado.

Outra ocasião na qual Geraldo parece estar agitado com a igreja inglesa exercendo poder sobre a igreja galesa de forma negativa é quando ele fala da Abadia de Llanthony, “originalmente fundada por dois eremitas”. (Gerald, 1987, p. 97) Geraldo corrige o nome para Llanhonddu, porquanto a Abadia localiza-se em Nant Honddu, pois “os ingleses corromperam o nome para Llanthony”. (Gerald, 1987, p. 97) O lugar era “antigamente um lugar feliz e agradável [...] mas desde então foi reduzido à servidão pela extravagância sem limites dos ingleses”, (Gerald, 1987, p. 98) à casa-filha em Gloucestershire e por aqueles os quais foram designados para cuidar dela. Ele continua mencionando que todos aqueles os quais causaram mais mal foram punidos por Deus com a morte. Esse sentimento de injustiça para com os galeses e suas tradições é visto em outras partes da *Itinerarium Kambriae*, como nos pássaros cantores de Gruffydd ap Tewdwr, tio-avô de Geraldo, o qual prova seu direito à terra de Gales. A história conta que “o conde Milo estava provocando Gruffydd sobre sua reivindicação de sangue nobre [...] pois ele estava tentando ser engraçado.” (Gerald, 1987, p. 94) Gruffydd então continua falando de um velho ditado o qual diz que se o governante legítimo da terra for ao lago Llangorse, todos os pássaros começarão a cantar, um feito que Milo e Payn tentam fazer, mas que só ocorre quando Gruffydd se deita em oração, depois se levanta e reivindica sua descendência “dos cinco príncipes de Gales”. (Gerald, 1987, p. 95) Quando

esses homens voltam ao seu rei e lhe contam a história, ele responde “Pela morte de Cristo”, pois esse era seu juramento favorito, “não estou nem um pouco surpreso. Somos nós que detemos o poder e, portanto, somos livres para cometer atos de violência e injustiça contra essas pessoas, e ainda assim sabemos muito bem que são eles os herdeiros legítimos desta terra.” (Gerald, 1987, p. 95) É nesta história na qual Geraldo retrata a subjugação contra os galeses como uma “injustiça”, e ele não apenas escreve isso muito abertamente, como o faz em uma seção a qual diz respeito a um milagre, questionando assim suas lealdades, pois a história se conecta a ele diretamente por meio de seus laços familiares com Gruffydd ap Tewdwr.

Evidentemente, Geraldo se identifica como galês e também como *marcher*, porquanto ele se aprofunda na definição e nas origens do termo *Cambria* e como esse desígnio se relaciona com o de Gales, afirmando que:

Para Camber, seu segundo filho, ele legou o território a oeste do Severn, agora conhecido como *Cambria*, então o povo deveria ser chamado de *Cymry* ou *Cambrensis*. Alguns dizem que sua língua é chamada *Cymric* [...]. O nome *Wales* não vem de um líder chamado Walo, ou de uma rainha chamada Gwendolen, [...]. É derivado de uma das palavras bárbaras trazidas pelos saxões quando eles tomaram o Reino da Bretanha. Em sua língua, os saxões aplicavam o adjetivo “*vealh*” a qualquer coisa estrangeira e, como os galeses eram certamente um povo estrangeiro para eles, era assim que os chamavam. Até hoje nosso país continua a ser chamado de *Wales* e nosso povo *Welsh*, mas esses são termos bárbaros. (Gerald, 1987, p. 232)

Esta passagem é interessante de várias maneiras. Primeiro, ele expõe a etimologia, o contexto e a história de como Gales ou *Cymru* deveriam ser chamados, e então passa a explicar o termo “bárbaro”. Segundo, ele usa a palavra “nosso” duas vezes ao se referir à falta de comunicação, indicando um senso de familiaridade e pertencimento ao país e às palavras às quais ele está tentando descrever ao leitor. Ele também, às vezes, é abertamente “patriota”, uma vez afirmando: “Nossa raça britânica [...] defendendo sua liberdade contra saxões e normandos por rebelião contínua, até hoje se livrou do jugo da servidão pela força e pelas armas”. (Kightly, 1988, p. 90) O uso do “nosso” aqui é mais uma vez intrigante, assim como o fato de ele ter escrito isso enquanto estava lutando pelo bispado de São Davi.

Portanto, Geraldo não parece sentir-se envergonhado de sua herança galesa, como alguns gostariam de acreditar. No entanto, o relacionamento de Geraldo com sua herança galesa parece ter entrado em conflito não apenas com suas próprias interpretações, mas com as interpretações do mundo no qual ele vivia. Geraldo objetiva categorizar as pessoas em geral, concedendo-lhes características universais, como os etnógrafos realizavam, fazendo-as parecer menos individuais,

embora ele próprio estivesse constantemente se auto modelando, (Vernon, 2018, p. 162) efetuando generalizações as quais se encaixam na ideia de barbárie a qual necessita de progresso. Todavia, Geraldo decidiu retornar ao País de Gales após seus estudos, quando poderia ter permanecido no continente europeu e construído uma vida para si lá. E, após retornar do exterior, ele quase imediatamente começou sua reforma religiosa no País de Gales após receber a posição de Reitor em várias paróquias pela Inglaterra e País de Gales, logo após garantir para si o arqui-diácono de Brecon em 1175. (Kightly, 1988, p. 12) Isso, ligado ao fato de que ele se autodenomina Gerald Cambrensis, é uma prova firme de que o País de Gales era uma parte tão sólida de sua identificação com o mundo exterior quanto suas raízes normandas e *marcher*.

2. Considerações finais

Para alguém o qual era três quartos normando e um quarto galês, o fato de Geraldo se denominar assim demonstra que sua criação no castelo Manorbier em Pembrokeshire e a figura de sua mãe provavelmente exerceram influência sobre como ele escolheu se identificar. No entanto, ele era ambicioso e possuía um papel a desempenhar em círculos galeses e anglo-normandos, trabalhando com a comitiva real, exercendo o ofício de documentador e sendo funcionário da igreja a qual possuía poder sobre a diocese galesa, portanto, mesmo que ele desejasse abraçar sua herança galesa, não teria sido aconselhável ou sensato da parte dele exclamar isso abertamente. Ele estava ciente de que os galeses não eram tão civilizados quanto os normandos, (Johns, 2013, p. 64) pelo menos em termos de civilidade socialmente aceitável na época, e, aparentemente, por meio de sua documentação e luta pela Sé de São Davi, ele desejava ser o indivíduo o qual protagonizaria o progresso do país o qual ele frequentemente se orgulhava, mesmo possuindo um relacionamento complicado com seus sentimentos em relação ao povo. (Kightly, 1988, pp. 90-91) O eclesiástico *cambro-norman*, fruto do hibridismo étnico-cultural da *March* galesa na Britânia Medieval, concede perspectiva única às suas obras ao possuir vínculo parentesco com estamentos sócio-políticos distintos, dessarte, perpassa fronteiras étnicas e exemplifica, em sua própria existência, o intenso processo de miscigenação a qual ocorrera, à época, em regiões limítrofes.

Referências

JOHNS, Susan M. *Gender, Nation and Conquest in the High Middle Ages: Nest of Deheubarth*.

Manchester: Manchester University Press, 2013. Disponível em:
<https://www.jstor.org/stable/j.ctv6wgnb9>.

JONES, W. R. The Image of the Barbarian in Medieval Europe. **Comparative Studies in Medieval Europe**, Vol. 13.4, 1971, pp. 376-407.

KHANMOHAMADI, Shirin A. *In Light of Another's Word: European Ethnography in the Middle Ages*. Pensilvânia: University of Pennsylvania Press, 2013. Disponível em:
<https://www.pennpress.org/9781512824810/in-light-of-anothers-word/>.

KIGHTLY, Charles. *A Mirror of Medieval Wales: Gerald of Wales and his Journey of 1188*. Cardiff: Cadw, 1988. Disponível em: <https://search.worldcat.org/pt/title/1150831768>.

LUMBLEY, Coral. The “Dark Welsh”: Colour, Race, and Alterity in the matter of Medieval Wales. **Wiley**, Urbana: University of Illinois, 2019. Disponível em:
https://www.researchgate.net/publication/338209992_The_dark_Welsh_Color_race_and_alterity_in_the_matter_of_medieval_Wales.

PRYCE, Huw; WATTS, John. *Power and Identity in the Middle Ages: Essays in Memory of Rees Davids*. Oxford: Oxford University Press, 2007. Disponível em:
<https://global.oup.com/academic/product/power-and-identity-in-the-middle-ages-9780199285464?cc=pl&lang=en&>.

SMITH, Llinos Beverly. On the Hospitality of the Welsh: a comparative view. In: PRYCE, Huw. **Power and Identity in the Middle Ages**. Oxford: Oxford University Press, 2007. Disponível em:
<https://global.oup.com/academic/product/power-and-identity-in-the-middle-ages-9780199285464?cc=pl&lang=en&>.

VERNON, Matthew X. *The Black Middle Ages: Race and the Construction of the Middle Ages*. Suíça: Palgrave Macmillan, 2018. Disponível em:
https://www.researchgate.net/publication/347961307_Matthew_X_Vernon_The_Black_Middle_Ages_Race_and_Construction_of_the_Middle_Ages_The_New_Middle_Ages_Cham_Switzerland_Palgrave_Macmillan_2018_xiii_266_pp.

WALES, Gerald of. *The Conquest of Ireland*. (Trad. FORESTER, Thomas; WRIGHT, Thomas). Cambridge, 2001. Disponível em:
<https://archive.org/details/historicalworkso00girauoft/page/n5/mode/2up>.

WALES, Gerald of. *The History and Topography of Ireland*. (Trad. O'MEARA, John J). Londres: Penguin Classics, 1982. Disponível em: <https://www.penguin.co.uk/books/35061/the-history-and-topography-of-ireland-by-gerald-of-wales-trans-john-j-omeara/9780140444230>.

WALES, Gerald of. *The Journey through Wales and The Description of Wales*. Londres: Penguin Books, 1987. Disponível em: <https://www.penguin.co.uk/books/34994/the-journey-through-wales-and-the-description-of-wales-by-gerald-of-wales--trans-lewis-thorpe-advisory-ed-betty-radice/9780140443394>.